



O Gaiato

23126



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

18 DE DEZEMBRO DE 1965
ANO XXII - N.º 568 - Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALLES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENGA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



TODA A GRACIOSIDADE DOS NOSSOS DE COR ESTÁ BEM EXPRESSA NESTA LINDA FOTOGRAFIA.

Aquí, LISBOA

Baseados em factos do dia a dia, pretendíamos chamar esta quinzena a atenção dos responsáveis para as elevadas médias na duração do internamento nos hospitais, o excessivo tempo de espera no internamento dos doentes e a falta de prontidão na prestação dos cuidados indispensáveis aos irmãos carecidos de socorros. Eis que se anuncia a publicação de um diploma que aborda estes aspectos, e que pretende remediar deficiências, dado que «há um forte prejuízo material e moral para os indivíduos, para a família e para a sociedade, que importa evitar, tanto quanto possível».

Apesar do exposto, não resistimos à tentação de apontar um exemplo concreto e de tecer duas leves considerações sobre problemas hospitalares. O exemplo, entre outros ainda mais elucidativos, é este: Um dos nossos Rapazes necessitou de ser operado, há pouco tempo, num Hospital da Capital. Trouxas análises, deu entrada no serviço respectivo no dia 27 de um mês e só foi operado no dia 23 do mês seguinte. Razão? Como não era assunto urgente e como havia falta de anestésista, teve de aguardar quase um mês. Isto, apesar da boa vontade do pessoal hospitalar. Fazemos votos para que o Decreto-Lei a publicar dentro de dias corresponda às intenções do Legislador.

A primeira consideração que nos ocorre relaciona-se com o internamento prematuro de doentes residentes nas localidades dos serviços hospitalares, que ficam a aguardar dias... e dias os resultados das análises a que têm de ser submetidos para serem operados ou sujeitos a eventuais tratamentos, quando poderiam esperar em suas casas, na maior parte dos casos, os resultados laboratoriais, deixando livres as camas para casos mais urgentes ou para aqueles que, vindo de longe e sendo pobres, não dispõem de meios suficientes para se instalarem em quartos ou modestas pensões.

A segunda consideração é mais geral, mas, nem por isso menos pertinente. Não basta construir hospitais. É preciso dotá-los de meios humanos e materiais, que levem à realização de sua finalidade. Isto de cada terra pretender o seu hospital pode representar salutar bairrismo, mas o que não constitui é solução razoável, dado o condicionalismo de recursos existentes. Falar no «nosso hospital» será muito interessante, mas hospitais mortos não aproveitam a ninguém. E nós conhecemos casos onde isto sucede. De resto, «o hospital sem Médicos é corpo sem vida, inútil, quando não prejudicial», como

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Malanje

Não terá flocos de algodão a fingir neve, nem musgo, nem mesmo a vaquinha a deitar bafo... Como está longe o presépio da nossa aldeia!

— André como faremos o nosso presépio?

— Pomos os pastores e as ovelhas.

— Olha, traremos os dois viteios, o peru, os patos, as pombas, os cabritos pequenos, tu no meio deitado no capim — e nós todos de volta a adorar! Ao ar livre, sob a janela da lua! Nem uma palhota de capim... só um braçado dele para não te ferires no chão. Ou então, André, iremos pôr o nosso Menino Jesus no alto das grandes pedras-negras do Pungo Andongo. De noite, verá as trovoadas; de dia, as montanhas, os rios e as florestas!

De qualquer modo, meu André, ELE no capim ou no alto dos rochedos, em casa rica ou nas catedrais — a mensagem será a mesma: «Não há brancos, não há pretos, não há mestiços, — só Homens — e todos, filhos de Deus. O amor, a compreensão, a paz».

.....

Ai, uma senhora para o nosso lar!

A Emília e o Fernando vão no Natal para a Casa-Mãe.

Nosso Menino Jesus dai-nos uma senhora. Que venha por amor. Que queira mergulhar na Obra. E, sobretudo, que venha para ser mãe.

O papel das senhoras nas

nossas casas é o papel de mãe na casa de família. A total doação aos rapazes. O mesmo repartir-se em todos os minutos do dia.

P. E TELMO

O "OBRA DA RUA"

Começou a azáfama final. Júlio, há muito tempo já, foi aproveitando pequeninas aberturas para ir preparando os endereços. Mas o livro não está ainda pronto para a expedição. Eu bem queria que saíssem alguns exemplares antes do Natal e que os restantes não tardassem muito aos primeiros... mas não sei! Venho agora da Tipografia onde o Neca se empregava nos ensaios de tintas para a capa, de que é autor P. e Baptista.

Este «Obra da Rua» é a reedição do primeiro, há muitos anos esgotado, mas acrescido das crónicas semanais, inéditas para a

maioria, publicadas nas páginas amigas dos semanários «O Correio de Coimbra» e «A Ordem», ao longo do ano e pouco em que a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo den o ser à de Paço de Sousa e até ao aparecimento de «O Gaiato».

Assim se reúne em livro toda a prosa dispersa de Pai Américo: Primeiro, as crónicas de «O Correio de Coimbra», que deram os três volumes de «O Pão dos Pobres»; agora estas.

E como estas são mais de meio volume, podemos dizer sem demasiado atrevimento que este «Obra da Rua» é um livro novo.

Mas ele é novo ainda por outro motivo. Copiado dos citados periódicos pelo Ave-lino e por não sei quem do Lar de Coimbra, composto e impresso pelos nossos rapazes, ele foi encadernado pelos doentes do Calvário que se revelaram um remédio precioso para o clássico estrangulamento das nossas oficinas tipográficas no sector dos acabamentos.

O «Obra da Rua» é pois toda a Obra da Rua em movimento desde Pai Américo até aos seus paralíticos do «Calvário», que só do Céu conhece. É um movimento de amor a arrastar na sua corrente todos os que o vão ler e a convidar

muitos outros para as suas águas que têm sabor à «Água Viva» — a única que dessedenta para sempre.

Preparem-se, pois, os assinantes da letra A. Se não fôr antes do Natal, tardar... já não tardará muito. E depois os BB, e os CC..., até aos ZZ!...

E esperamos que a felicidade colhida na leitura destas páginas, — muitas bebidas com o tempero de lágrimas — seja estímulo à comunicação da mesma felicidade a outros, a muitos que beberiam se soubessem... pois têm perdido o apetite de beber de tão fartos de «águas mortas».



BARREDO

O Barredo é um caso parado. Parado em si mesmo. É um pântano. Não há ali evolução humana que em normais circunstâncias se processa sob vários aspectos: crescimento demográfico, instrução profissional, promoção social. Se bem que em muitos prédios seja grande o número de crianças a mortandade também o é; não se sabe dum casamento; não se fala dum emigrante e o que de melhor ali acontece é alguém ter arranjado uma casinha e mudado para lá. Coisa suspirada por todos, mas só alcançada por algum que tenha muito amor aos filhos e bons pulmões para trabalhar. Tantos que ontem, ao ver-nos e ouvir-nos, suspiravam por uma casinha «onde pudesse ter tudo arrumado». Este tudo refere-se aos filhos que ali ficam em monte. Esperança parada enquanto aqueles que podem não fazem por livrar estes irmãos da desonra, da miséria. Que não

é desonra o ser Pobre. Mas ser miserável... nem só para quem o sente quanto mais para quem o consente! Não é certo que nós vivemos uns dos outros e todos no Senhor que fez o Céu e a Terra?

Mas o Barredo é sobretudo um caso parado na consciência social. Há mais de vinte anos que Pai Américo começou esta coluna e até hoje não mudou o que por ali se topa. Os mesmos cubículos, algumas caras desse tempo, outras mais recentes. Os mesmos problemas, o mesmo viver. Há talvez mais doença, porque a promiscuidade e falta de higiene, condenam quem ali cai.

Naquele tempo era só um e foi Pai Américo quem revelou ao Porto o que havia de dor e miséria dentro de seus muros. Mas hoje são algumas dezenas as instituições ou grupos de caridade que para ali carregam ajudas. É tempo de perguntar, ao fim de tantos anos — com que resultado?

Será que toda essa assistência não vai além do corriqueiro: «tirar a fome hoje, deixando-a maior para amanhã»? Vinte anos é tempo de sobejo para se concluir que não pode ser a assistência particular a resolver o que, antes de mais, é da própria estrutura social. Há sectores de trabalho que pelo seu carácter eventual produzem desequilíbrio económico, preguiça, vadiagem e consequente instabilidade. A grande parte dos homens são carregadores. Só o são enquanto podem, porque bem depressa as forças falham. A família, no geral numerosa, não permite que a mãe procure no trabalho um acréscimo da receita escassa e incerta. Ou se o faz, quando tem forças, os filhos ficam na rua, com todas as suas consequências.

Donde, para já, me parecem fundamentais quatro coisas: Primeira, delimitar com firmeza toda a zona e estabelecer medidas punitivas para novos aluguéis. Segunda: Fomentar novas fontes de trabalho compatíveis em rendimento com as necessidades, não só elementares, mas humanas e cristãs da família. Terceira: «Criar» uma assistência autêntica, com carácter provisório, para resolver o conjunto de problemas da saúde e para já, da sobrevivência da multidão de crianças raquíticas e débeis pulmonares. E por último, tão depressa o decréscimo da densidade o permitir, obrigar à reconstrução interior dos prédios com um dimensionamento criterioso, seguindo uma visão justa e cristã das necessidades primárias daquelas famílias. Doutra modo somos todos actores duma grande farsa.

P.e José Maria

A Casa de Jesus Misericordioso é um centro de assistência rural.

Ora, sou tentado a dizer, que a maioria das pessoas não sabe verdadeiramente o que são e como se processam as obras sociais no meio agrícola.

Por efeito do desenvolvimento das técnicas e seus consequentes reflexos na indústria e comércio, criou-se «um mundo novo», em que o homem começou a pensar e a viver de outra maneira; surgiu um «homem novo», com tantas e tão urgentes necessidades, que foi (e é) preciso ouvi-lo com particular atenção. É que ele ameaçava fazer ruir os próprios fundamentos da sociedade! E como a mesma sociedade não estava preparada para enfrentar tão rápida e decisiva mudança, concentrou-se toda a equacionar e a resolver os problemas



dessa vida industrial e comercial, em todas as suas implicações. E muito compreensivelmente ficou de lado a antiga vida agrícola, que passou a ser «a arte de empobrecer alegremente». E como o povo do campo tinha a virtude de saber esperar, foram-no deixando ficar para trás, confiando-se na sua sensatez e equilíbrio.

Entretanto os tempos foram passando, e quem se interessou pelo nosso lavrador? Que se fez? E tanto que, apesar de tudo, se podia ter feito! A! de certos responsáveis do bem comum, que dormiram, bem instalados na vida! Hoje mesmo, que se faz?

Continua a ser grave a responsabilidade que pesa sobre os ombros de certos responsáveis. Mas o assunto diz respeito a todos, pois ninguém pode esquivar-se a uma causa comum, como é o bem público.

Se todos nos aproximássemos mais das nossas crianças, jovens, homens e mulheres do campo, ao vermos tanta riqueza perdida à espera, somente, de quem saiba aproveitá-la, havíamos de a escutar melhor e de atendê-la!

A Casa de Jesus Misericordioso, Centro de Assistência em Ordins, tem a honra de enfileirar nesta marcha de compreensão e ajuda efectiva ao homem do campo.

Queres também tu participar desta glória? Nós não queremos continuar a pôr à prova o nosso bom e querido povo do campo.

P.e VIEIRA

NOTA DA QUINZENA

Ao chegar de fora notei a presença dele no adro da nossa Capela. Figura humilde, modos acanhados, bastante tímido no dirigir-se-me. Trazia uma carta de um padre do Seminário da Sé. Com voz pouco firme entrega-me e completa a apresentação principiada naquela credencial.

Eu ia fazendo o meu juízo e pensava: — O que irá ele pedir-me?... E respondia-me: — De certo será um auxílio para alguma casita que ande construindo...

Subimos ao escritório. A sua voz foi-se firmando, os seus modos ganhando forma mais erecta — denunciando a certeza da sua intenção.

Ele era um sapateiro modesto que morava e mora na encosta da Sé. Com as suas pequenas economias encetou um negócio de bananas e hoje é importador. Viu n.º «O Gaiato» que nós produzimos bananas em Benguela e as exportamos pra Metrópole. E a sua devoção pela Obra faz-se decisão — e ele aí vem pedir que lhe vendamos bananas, porque «gostava muito de vender bananas do Gaiato!»

Soube que esperara por mim desde o fim de manhã — e era o meio da tarde. Soube que já na semana anterior ele viera por mim em vão, que eu andava por fora... Apeteceu-me beijar-lhe as mãos por tanta paciência, por tal dedicação.

Ele não tem filhos e não quer ser rico. «Passei fome. Sempre lutei pela vida. Não me interessa mais que o pão e o caldo de cada dia».

O seu desejo é que por cada quilo de banana ficasse um pequenino tributo para a Assistência e outro tanto para as Missões. «Mas uma razão para fazer o negócio com o Gaiato».

Ao partir deixou-me uma nota: «É para as despesas da correspondência».

Resisti, mas não venci.

Senhor do Céu, bendito sejas Tu pelo poder que dás aos mansos e humildes de coração!



ção e educação de seus filhos.

O António Luis tem sido sempre muito doente; é actualmente, o nosso motorista e toma conta da Sapataria.

O Joaquim é pedreiro. Foi um rapaz difícil. Sofreu muito. Nós também, pelos dezito anos não suportou o ambiente e foi-se embora. Estou a lembrar-me! Uma manhã pardacenta de Março. O rapaz tinha-me anunciado. Eu disse que não. Ele persistiu. Veio despedir-se, começámos as nossas sementeiras da Primavera. — Adeus Senhor fulano — Adeus Joaquim. O rapaz foi a sofrer. A sua cara dizia-o. Eu fiquei a sangrar. Só Deus sabe como.

Foi explorado. Os patrões de então fizeram lembrar a Casa paterna.

A vida rolou rápida e as dificuldades mais a mentira a que a ilusão da idade o levava, fizeram despertar o bem que

rapariga n.º desta, simples mas recatada e boa, que tem escrita na cara toda a beleza duma saúde interior.

Ela, que andava um nadinha magoalo com ele, ao pressentir este regresso tão vitorioso sentiu-se também na glória do triunfo.

Como foi um dia feliz para mim!... Como sei agora dar valor à alegria dos pais quando vêem os seus filhos casarem conscientes das suas responsabilidades e felizes com a sua missão no mundo!...

Padre Acílio



Joaquim Vilhena e Maria de Jesus, após o enlace matrimonial.

Setúbal

No Domingo casou-se o Joaquim Vilhena. Entre nós chamou-se durante muitos anos o «Bucha de Sines».

O seu casamento com a Maria de Jesus foi a confirmação eloquente e bem viva de que a semente lançada à terra dá fruto. Torna-se apenas necessário que a ambiência a não sufoque.

O Joaquim veio para a nossa Casa pequenina, com seu irmão gémeo, o António Luis. Ficou sem mãe e o pai preferiu a vida fácil no álcool e na devassidão à cria-

a Obra semeada no seu íntimo. Começou a ter saudades e a aparecer. Veio a tropa e as lições persistiram.

Economizou. «Lembrava-me de montar a minha Casa». «Outros foram comigo e chegaram a Lisboa sem dinheiro para uma cerveja».

Como nos sabe bem saborear estas economias! Como nos é reconfortante saber que rapazes abandonados não querem ser abandonadores: — «Eu lembrava-me de montar a minha casa».

O Joaquim, escolheu uma

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página
muito bem reconhecem os Res-
ponsáveis.

A propósito do assunto antes
abordado, não queremos deixar
de avistar na inteligência e no
conação dos Homens Públicos o
drama de irmãos nossos, por
muitas regiões de Portugal, que
carecem dos mais elementares
recursos farmacêuticos e médicos
e onde se morre à míngua, como
se a ciência e tivesse ainda sé-
culos atrás. Recorre-se à «luxa»,
aos curandeiros; ou morre-se de
«moleitas», no dizer ingénuo e
meio fatalista da boa gente das
aldeias sertanejas, lá cancelhos
que dispõem só de um ou dois
médicos, com áreas enormes a
assistir. Não se lhes pode exigir
milagres nem lhes podemos levar
a mal que, ao fim de um curso,
difícil e dispendioso, os
médicos se aglomeram à
volta dos grandes centros.
É humano. Mas reconhecer isso
não impede, antes obriga a olhar
com olhos de ver que a Medicina
tem uma função social ao servi-
ço de todos os Homens. Atacar
este problema, criando condições
de subsistência, mínima e ra-

záveis, para a em geral devo-
tada classe médica, é obrigação
grave. Assistir aos enfermos é,
quanto mais não seja, obra de
misericórdia... E não falamos já
na não menos importante pre-
venção da doença.

Aproxima-se o Natal e o fim
de 1965. Este número de «O
Gaiato» é o último antes daque-
las datas. A todos os nossos
Amigos desejamos, pois, Santas
Festas e as maiores Bênçãos do
Senhor: para os que já partiram
o descanso eterno. Obrigado por
tudo o bem recebido. Com a
vossa ajuda queremos continuar
a servir e o nosso pensamento
vai para a Aldeia que todos, de
mãos e corações unidos, temos
de continuar a erguer para sal-
vação e amparo de muitos «filhos
de ninguém».

No sapato colocado na cha-
miné desejáramos que o Menino
Jesus colocasse uma máquina de
tricotar para confeccionar cami-
solas para os nossos 120... Pode
ser que não nos calhe um sim-
ples carvão! E até para o ano,
se Deus quiser.

Padre Luiz

«Em qualquer casa onde
entrardes, dizei primeiro:
Paz a esta casa».

(Lucas, 10, 5)

O cristão é um homem de paz.
É essencialmente um homem
de paz para com os outros,
porque é com tranquilidade que
os encara, com abertura que os
acolhe, sobre os seus problemas
e idias se debruça, tenta enten-
der e ajudar; e este juízo é
ainda como de irmão que é elab-
orado, numa seriedade tensa
entre a compreensão e respeito
pelo homem e a claridade e
amor pela verdade; julgar al-
guém é um acto de aridez, que
não deve hipócritamente ser
usada apenas como fachada para
a calúnia e a perseguição, apo-
dadas de «justo castigo para
emenda»; o ser acto de caridade
traduz-se, muito concretamente,
em se permanecer a olhedor e
leal para com aquele cuja opi-
nião objectivamente se julga, de
modo que os laços que à sua
alma conduzem, através do res-
peito genuíno e da fraternidade
intera, não sejam postos em
dúvida. Daqui resulta uma paz
verdadeira entre homem e ho-
mem: o cristão oferece-a sem-
pre; se ela não for aceite, recaí-
rá sobre ele, como disse o
Mestre.

«Se lá houver um homem de
paz, sobre ele irá repousar a

As sementes espúrias

vossa paz. Senão, a vós há-de
coltar». (Lucas, 10,6)

Só desta atitude, como terreno
fértil e humoso, pode brotar o
amor: virtude difícil, porque não
se trata de responder a estímu-
los de atracção ou a afinidades
de simpatia, mas de ver no outro
alguém à mesma distância, à
mesma enorme distância do Se-
nhor que nós, alguém à mesma
proximidade do Seu amor, po-
rém; em suma, um irmão que
nige amar.

É sendo assim, porque é assim
que é de veras o que se procla-
ma ser, que o cristão defende
a Igreja. Porque a Igreja é evi-
dentemente uma comunidade de
santidade que existe entre os
homens no âmago da sua cida-
de, não um bairro à parte com
tribeiras e arames farpados;
defende-se dando de si testemu-
nho pelo modo como os que a
formam procedem, entre si e
para com os outros, e não com
patrulhas e cães polícias ron-
dando a cerca e pedindo os pas-
ses nos pontos de «controle».

Quem, pois, incita ao ódio
contra outrém, formulando calú-
nias em vez de juízos, convida-
do ao insulto em vez de à
abertura, pedindo sanções em
vez de serena discussão, insis-
tindo na supressão das oportuni-
dades, de as vozes que vitupera
se oiçam para que se oiça só a
sua própria tonalidade de visão
das coisas, — esse não está defen-
dendo a Igreja; não está sequer
servindo-a; e nem mesmo se
comporta como cristão. Onde
está a sua paz?

Interessará relembrar que
também esse não serve a própria
cidade dos homens. Esta é de
todos os que a formam; e um dos
mais nobres atributos do homem
é o diálogo pessoal que com a
Verdade Deus quer que cada um
estabeleça. Porque é por cami-
nhos independentes e próprios
que cada um alcança subjectiva
posse da Verdade, que, sendo
objectiva enquanto tal, só se
torna íntima ao homem quando
ele por si assim a reconhece.
Nobreza essencial, com efeito, a
desta criatura a quem Deus deu
a sublime qualidade de merecer
progredir por si no caminho
árduo que a Si e às coisas leva,

em vez de a designar como
simples receptora de formula-
ções exteriores a administrar por
alheias mentes. Aqui, como se
sabe, radica a diferença entre
uma boa e uma má pedagogia,
entre uma boa e uma má educa-
ção; aqui, conforme se respeita
ou se despreza esta lei básica de
o homem só aceitar de veras a
verdade cujo caminho de posse
ele próprio por si fez. Mas
aqui radica também uma boa ou
má atitude para com o conviver
social, conforme se entende que
a unidade do grupo se faz por
adesão de uma pluralidade de
espíritos e vontades, ou se pre-
fere a indiscutibilidade de uma
só formulação. É que este último
termo da opção é impraticável,
sendo o homem o que é e não
mudando a sua natureza; dela
resulta o desinteresse por tudo
o que seja convidar a adesões
que se não discutam; a menos
que o convite se desloque do
plano das ideias para o plano
das paixões ou dos instintos, mas
então tem-se o homem menos
homem e a sua adesão é, por
isso mesmo, menos nobilitante e
mais precária. Deste modo se
subtrai à unidade do grupo uma
sua parte apreciável, e ao con-
viver social aquela nota de aber-
tura a todos os homens de boa
vontade que é indispensável para
que todos se sintam participan-
tes; deste modo se restringe o
campo donde provirão as voca-
ções e os talentos para o serviço
do bem comum — e isso é baixar
o rendimento da utilização da
riqueza humana, que é a maior
de todas as riquezas ao dispor
das sociedades.

Isto tudo provoca o que incita
ao ódio contra outrém, porque
divergem as suas opiniões; des-
tempero de mau gosto, mas so-
bretudo pernicioso lesar da so-
ciedade; porque as sementes
espúrias do ódio, uma vez lan-
çadas, quem sabe onde pegarão,
e que espinhos e venenosos picos
crescerão do seu germinar?
Vendo isto, o cristão sabe-se
devendo intervir, para procla-
mar o valor da paz autêntica:
a que une os homens pela au-
diência de respeito que mútua-
mente se conferem.

Rogério Martins
In «Novidades»

Um Lar Operário em Lamego

P.e Duarte não é uma presen-
ça nova na Obra, embora o seja
n'«O Gaiato». No tempo em que
P.e Aires enriquecia estas colu-
nas com a sua prosa plena de
vida, algumas vezes Pai Américo
falou das suas quartissas, assim
como disse das airisses de P.e
Duarte. Os dois ocupavam a pri-
meira fila entre os comilões.
Mas, de uma vez, a alguém pouco
largo de coração, e certamente
de inteligência, que lhe fazia notar
o muito que um deles lhe
pedia. Pai Américo calou-o
assim: «Admiro-me como ele me
pede tão pouco!»

Pois P.e Duarte passa agora a
aparecer pelo «Famoso», de
quando em vez. O Centro de
Assistência Pai Américo que a
sua solicitude levantou na sua
paróquia de Fontelo, deitou um
ramo até Lamego e aí vai abrir
um Lar operário com uma inten-
ção e características muito pró-
prias ao meio rural.

Mas agora a palavra pertence-
-lhe... E-la:

Vai abrir em Lamego um
Lar para que rapazes pobres
tenham facilidade em apren-
der uma arte ou ofício.

A ideia vem de longo. Como
todas as coisas, também este
entendimento precisou de
uma hora própria. É muito
doloroso encontrar casos a
que não podemos dar solução.

Apesar de sabermos que não
está em nossas mãos resolvê-
-los, ficamos sempre longo
tempo a meditar sobre eles.
Frequentes vezes aparecem
rapazes que desejam aprender
a mais insignificante arte e
não têm possibilidades de o
fazer. Na própria terra não se
encontra mestre, e fora, é pre-
ciso pensar na comida e na
dormida. Pobres, filhos de
famílias pobres, eram obriga-
dos a pôr de lado tal desejo.
Muitos torceram por completo
o rumo da sua vida... Quantos,
certamente, com vantagens
para eles e para a sua terra,
ficariam a trabalhar no seu
próprio meio exercendo uma
profissão...

Os meses de Novembro e
Dezembro são de preparação
para a abertura do Lar. Alu-
gu-se uma casa em Lamego
e agora tem de se arranjar o
indispensável. Toda a gente
sabe as muitas coisas que são
necessárias. Para já informa-
mos os nossos amigos que
apareceu alguém que mensal-
mente paga a renda da casa e
uma senhora que vai dar vinte

camas. Estão prometidos 6 co-
bertores e esperamos que o
resto venha pelo caminho. Não
te pareça, querido leitor, que
isto é uma temeridade. Pre-
cisamos de perguntar somente
se é útil, se vai fazer bem e
se terá aprovação de Deus.
Com esta contamos, porque
nada fizemos sem o sim dos
nossos superiores.

É nossa vontade que em Ja-
neiro próximo comece a fun-
cionar. É o mês dedicado ao
Santíssimo Nome de Jesus e
sabemos que é Nome de poder.
Assim dizem os Livros Santos
e assim nos ensinou o querido
Pai Américo. Para já, nada
mais faremos do que dar aos
rapazes de comer e dormir e
conseguir que os recebam,
como aprendizes, em qualquer
oficina. Só Deus sabe se um
dia haverá uma Casa própria
com oficinas e mestres pró-
prios.

Padre Duarte

Visado pela
Comissão de Censura



PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

● **AVENTURA** — A sala de aula nas escolas, onde o medo pega os alunos à maior exaltação do mestre, gerou desta feita um conto de primeira mão nos anais escolares desta linda aldeia. Saibam os senhores que o Quim e o Meno, dois amigos a valer, resolveram há dias faltar à escola e ir passar o tempo a casa de pessoa vizinha. Por lá andaram e aldrabaram da melhor maneira e aquela gente, tal o sucesso da história deles, não se fez rogada em dar-lhes de comer e abrigo. Mas, os nossos dois valentes sentindo que continuar a aventura seria coisa para muita valentia e para fraco resultado, entenderam volver à procelência disfarçada ao máximo. Não foi longa a demora para que se soubesse dos meninos a monte, que, apenas chegados, foram presentes à Senhora D. Sofia, a qual, em dura repreensão, lhes deu o rico emendado de varapau pois o bom vizinho esquecera-se de o fazer...

● **POLÍCIAS...** — Já se sabe que aqui não existem polícias mas, quem o disse? Claro está que não usam quebra-cabeças, nem revólver mas, chamam-se polícias no nosso d'lecto particular!

Óra, está-se para saber em que dia é que esta malta pouco culta devisa de fazer esquadrões nos balneários? Creia que bastaria fechar-se o portão

e, pronto, este bonito guarda de ferro, tão bem florido, substituiria os ditos escusados senhores «polícias»...

● **TEATRO** — Aqueles que têm garra para representar no palco estão já escolhidos e com o respectivo papel na mão. Fizeram-se alguns ensaios sob as ordens técnicas do Bernardino. Entretanto espera-se que o João venha da tropa, ainda esta semana, e, certamente, os ares da «coisada» irão aperfeiçoar-se. Porventura não é o João um tipo todo teatral? É mesmo!

Será peça para muito riso, ou não se trate de viva comédia policial! Teremos também variedades, onde, não haja dúvidas, traremos à cena muito boas gargantas cantadeiras. São tudo preparados para os dias 24 e 25, que se aproximam rapidamente a par do nosso crecente entusiasmo.

● **FUTEBOL** — O jogo da bola nesta CASA é fogo sempre a arder! Mas, é preciso um certo combu-vel: a lenha. E a mata que está a ficar careca! Entendem-me já?!

Isto de dinheiro anda abaixo de nível mas, o que é mau é o estado geral do equipamento — eis aqui a tal lenha! Queríamos que tomássemos em conta este estado de coisas, porque, graças à dedicação arraigada que todos mostramos pela equipa, o nosso comportamento desportivo tem sido um êxito na disputa de vistosos desafios com visitantes. Pedimos, pois, a vossa atenção para o caso d'agora. O Car-

lito, esmerado treinador, diz estarem na «caixa» à volta de 1.400\$00. Isto não chega para o efeito. Meus senhores, aniar o desporto tem muitos sacrifícios nas ruas desse amor!... Vamos a este, sim?

● **NATAL** — Já temos essa querida e tão amada época, em que, uns mais outros menos, todos expressamos ânimo forte e alegre. Mas, é como digo: outros menos. Por isso, é meu querer levantar bem a voz escrita a ver se ouvis, que ouvis, estou certo.

Toda a gama de objectos, toda a qualidade de coisas que pudesdes dispensar-nos, empunhando-vos no divino pensamento do amor ao próximo, dever que se torna absoluto à evidência da crítica necessidade que se vos patenteia naquilo que possuímos, sim, tudo o que pudesdes mandai por aí acima. Todos nós em pura e santa fé esperamos de coração em festa as vossas meigas e felizes prendas. É Natal, e, bons amigos, deem-nos um Natal a sério!

ORLANDO DA ROCHA

TOJAL

● Amigos leitores: em primeiro lugar quero-vos pedir desculpa pela falta de notícias da nossa Casa do Tojal. Não é porque elas faltam, mas é sim pela falta de vontade de quem faz a crónica. Vamos pois dar-lhes notícias do Tojal.

● **TIPOGRAFIA** — Como é já do conhecimento de todos os amigos leitores, esta oficina está a passar por um período de valorização no sector de apetrechamento. A juntar às máquinas adquiridas há bem pouco tempo, temos uma máquina de compor «Linotype», uma serra para o chumbo utilizável nessa máquina, e uma caldeira eléctrica para fundição do mesmo, isto tudo numa só vez. É um grande passo para a valorização da oficina e dos rapazes, esta última de maior importância. Mas se Deus quiser não havemos de ficar por aqui. Outras máquinas se seguirão, e tudo com o único objectivo: «valorização».

● **SERRALHARIA** — Também esta oficina se vai valorizando. Recebeu agora uma nova máquina de furar, mais uma arma auxiliar para a formação profissional dos nossos rapazes. Também esta oficina receberá mais máquinas, conforme Deus assim o permitir.

Ainda falando em valorização de oficinas. Não são só estas que têm recebido apetrechos novos, também outras. Se não são máquinas, são ferramentas novas e outras peças indispensáveis para a formação dos Rapazes.

● **CAMPO** — Acabámos há umas semanas de apanhar a nossa produção da azeitona. Uma parte se destinará ao fabrico do azeite e outra ao consumo dos nossos rapazes. Claro está que o azeite por ela produzido não basta para as nossas necessidades, mas com as ajudas que temos tido da C. U. F., e não só em azeite mas também em sabão, ele graças a Deus chegará bem para a nossa cozinha. Aproveitando a oportunidade, agradecemos à prestimosa Companhia o carinho e o amor que têm demonstrado para com a nossa Casa.

● **CONFERENCIA** — O Natal aproxima-se e com ele a necessidade de proporcionarmos algo de melhor aos nossos Pobres. Lembramos desde já aos nossos leitores as nossas necessidades neste problema, e agradecemos que não se esqueçam dos nossos protegidos.

● **FUTEBOL** — Temos feito alguns jogos. Perdemos uns, ganhamos outros, e hoje precisamente empatámos a zero bolas. Perder ou ganhar tudo é desporto. Lembramos aqui que

quem quiser, pode dar cá uma saltada para fazer uma pelada com a nossa malta. Agradecemos que tragam boa equipa para valorizar mais a nossa vitória... Por hoje é tudo e até ao próximo número.

Mário Ferro

CALVÁRIO

● As almas insatisfeitas de muitos leitores têm procurado, nos livros escritos por Pai Américo, aprender a amar os irmãos descoliciados.

Sim, é bem verdade. E são legiões de pobres e doentes que o Mundo esquece no seu caminho.

Para satisfazer pedidos de muitos assinantes da nossa Editorial, foram impressos mais 7.500 exemplares do livro «Obra da Rua».

Foi resolvido trazerem-nos para aqui para serem cosidos. O Bernardo, Dulce e a senhora Virginia tomaram a seu cargo tal tarefa. Era intenção de satisfazer pelo menos metade dos pedidos pela altura do Natal. Não sei se isso acontecerá.

Pois o Bernardo disse há tempos que era capaz de coser 40 por dia. Isso aconteceu poucos dias. Diz que o aborrece o serviço.

Se não fosse a ajuda das duas doentes nada, ou quase nada se faria. Pois ele disse isso porque gosta de gabar a sua habilidade a toda a gente! Mas se os senhores não receberem os livros mais depressa, venham ao «Calvário» dar um puxão de orelhas ao Bernardo.

● **OBRAS** — Tem sido desde a primeira hora que se têm feito delas. Erguer construções, fazer muros, restaurar, etc. Não é com o desejo ou mania das grandezas. Mas sim contribuir para o bem-estar dos que nada têm. E também o ganho de pão de cada dia daqueles que o procuram angariar para o sustento dos seus.

Não venho aqui dizer aos nossos amigos as casas e outra obras similares que aqui se têm feito. Venho simplesmente falar do nosso refectório. Depois da Capela é o lugar onde se reúnem mais vezes os doentes que ainda dão uns passos.

Situada na «Casa-Mãe». Já se notava falta de espaço e portanto foi necessário fazer uma ampliação. Não foi muito: mas as circunstâncias não permitem que isso fosse possível. Era belo e simples, pequeno. Mas esses atributos foram ampliados!

Juntamente com essas obras fez-se a abertura directa para o dito, pois não tínhamos. Foi necessário sacrificar um compartimento. Porque se assim não fosse teríamos de passar pela cozinha e isso causava muita barafunda!

Para terminar, em nome dos doentes do «Calvário» desejo a todos os nossos amigos umas festas de Natal muito alegres, e, que o Ano de 1966 seja pródigo em Paz, Alegria, e Saúde para todos.

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

● **JOGOS** — Como os dias agora são pequenos, há mais tempo para a malta se divertir a jogar qualquer coisa.

Os batatas entretêm-se jogando o eixo, às nações, às escondidas e aos cow-boys. Alguns preferem as damas e o dominó e outros têm a mania do ping-pong.

Também cá não falta um bilhar (a respeito de TACOS é que é uma desgraça!) que está na sala de jogos dos mais velhos... e olhem que alguns

estão com esperanças de chegar a campeões.

Aqui há dias, eu e o João fomos para a eira com dois paus e uma «bola quadrada», arranjada à pressa, ver se abríamos a época para o hóquei. Mas a coisa não pegou.

Porém, o alarme está dado. Talvez sejam necessários uns «sticks», umas duas ou três bolas e porque não uns pares de patins?

Bom! Agora falta só falar no jogo alto cá da malta: Futebol. Apesar do tempo não se prestar a isso alguns lá têm anilado a... chafurdar na lama. É que o nosso campo, apesar de ser relvado, quando ela cai, fica transformado num lameiro.

Ainda assim, outro dia, um smaduro da bola agarrou numa enxada, abriu um rego à borda do campo e a água estava a escoar-se. Mas a chuva não deu tempo a que o sol acabasse o seu serviço e começou a cair.

● **O FRIO CHEGOU** — Se há época do ano que custe a passar aos Pobres, certamente que nenhuma custa mais que o Inverno. Nesta altura nem a própria Natureza lhes sorri. Pois, nestas colunas de «O Gaiato», venho procurar um sorriso teu para os Pobres cá da casa e para outros que por esse Portugal fora, sofrem e gemem de frio. Eles pedem-te um boadinho do teu conforto.

Não é preciso ir muito longe para dares fé disto. Basta vires a nossa casa onde alguns começam com frieiras e outros com feridas que não se curarão tão depressa por causa do frio, a não ser que se agasalhem.

Os nossos sapateiros não sabem fazer calçado novo, mas sim consertá-lo! Por isso, se tiverdes aí um par de sapatos ou qualquer outro género de calçado que ainda mereça ser consertado, não hesiteis.

E quem diz calçado diz roupas. Ultimamente, temos estranhado a falta de encomendas a esse respeito. Não haverá por aí roupas usadas, roupas que já não sirvam aos vossos filhos? Não tenhais receio porque nós não nos preocupamos com modas.

António Ferreira da Silva

Lar do Porto

● Está à portinha a Festa Natalícia e, como é hábito, levamos a bom termo (esforçamo-nos nesse sentido) a boda a dar dentro de breves dias aos nossos Pobres da Conferência Vicentina.

Pedimo-vos que não esqueçais estes desprotegidos da saúde e do pão, afim de os alegrarmos no mais que pudermos.

Para estes são úteis as roupinhas que tendes em demasia e que são indispensáveis e outras coisas mais, assim como o dinheiro. Saciar-lhe-éis os espíritos enormemente tumultuosos e plenos de cansaço. Pelo amor de Deus, abri-vos em prol deste gesto sumamente belo.

O Senhor saberá dizer-vos o bem que fizerdes, interiorizando-vos com imensa alegria.

● Do próprio Lar há neste momento pouco a dizer. A senhora D. Diamantina esteve uns dias fóra porque se adoentou, tendo contudo voltado com grandes melhoras.

Dos estudantes o caso é também fultoso de alegria.

As notas dos diários não são por aí além e isso não agrada nem aos estudantes (preguiçosos), nem ao grande colégio que frequentam. Prometeram fazer melhor. É o que se espera. Dos nocturnos não há comentários especiais a fazer, visto todos saberem que à noite o exercício escolar acarreta maiores dificuldades. Aliás, todos se têm portado de modo capaz de levar o começo a diante.

ORLANDO DA ROCHA

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

DEM AÍ O NATAL — Não vamos tecer um cântico poético à grandeza espiritual da quadra que se avizinha. Não. Vamos mas é tecer um outro cântico — mais ao gosto do Senhor. Vamos pedir a consoudo dos nossos Pobres que são o Cristo mais semelhante ao de Nazaré.

Precisamos de roupas pra homem, mulher e criança. Não há casa, por mais modesta, que não tenha uma malita com delas fora de uso... A propósito de roupas: bom seria que os nossos bons amigos se lembrem da nossa «desorganização organizada» e dirijam o que lhes aprouver directamente à nossa Conferência. De contrário a coisa complica-se. Particularmente nesta quadra. E evitamos, assim, que tudo siga em turbilhão para a rouparia.

Precisamos, também, de cobres... E notas... Snr, Padre Carlos queixa-se que a receita desta coluna é deficitária em relação ao montante do que a gente distribui. Vamos animá-lo, tentando equilibrar a «balança» da nossa Conferência — nas mãos do nosso Bernardino. Ele é um tesoureiro muito ordenado.

E procuremos dar um ar de festa rija ao Natal dos nossos Pobres.

Apesar de tocarmos o sino já tão tarde, ficamos cheios de esperança. Até agora jamais os leitores nos deixaram ficar mal.

Tenham a bondade de abrir as mãos e as bolsas. E olhem que todos os dias o comboio traz para Paço de Sousa uma mala de correio...

O QUE RECEBEMOS — Aqui vai o que recebemos desde a última crónica:

Abre a Avó de Moscavide, pela mão da D. Maria Augusta, de Ordins, com um belo chale que foi agasalhar a mulher de um pobre operário adoentado — e que atravessa uma crise económica de astipiar. Mais 5 libras, oferta do nosso Cid que trabalha em Inglaterra. Mais 40\$00 da assinante 17022. E mais 50\$00 da assinante 17740. Agora é um pacote de roupas de uma compatriota, ora na Suíça. Que ricas peças de roupa! Finalmente, uma nota bem pesada, pela mão de um leitor de Coimbra — 500\$.

É pouco? É muito? Foi o que Deus nos deu. Demos graças a Deus.

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE